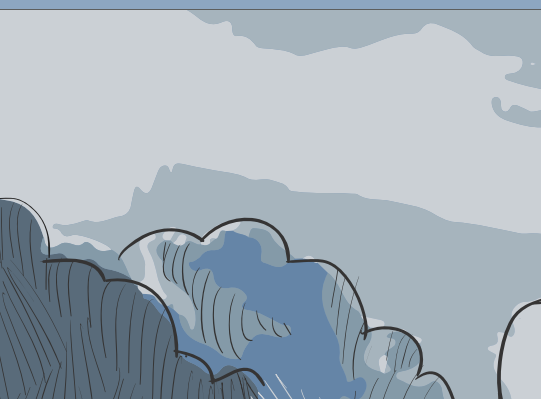


BASTIÃO

EDIÇÃO
DIGITAL
ABRIL
2015

// LUCIANA GENRO // SENHOR F // LÍDIA JORGE // JULAKIM





São três anos e meio de existência. Muitas ideias surgiram, assim como foram descartadas.

Algumas vezes, o espaço de tempo entre uma ação e outra é ínfimo. Uma das ideias que prevaleceu e se faz necessária foi a de fazer uma edição estritamente online para que pudéssemos publicar materiais inéditos, guardados por algum motivo, e retomar nossas publicações. Portanto, cá estamos. A edição que você não tem em mãos é exclusiva para esta plataforma. Nela, reunimos quatro entrevistas inéditas.

Podemos chamar de edição especial da Revista Bastião, mas é tão especial quanto qualquer outra. Que fique claro: continuaremos no papel. Nosso vício de imprimir e sentir o cheiro do trabalho é esmagador, derradeiro, irreparável. E assim por diante.

Apesar de ser plataforma diferente de nossa favorita, tomamos cuidado para escolher entrevistas de qualidade que ainda são atuais.

Por que essas entrevistas não foram para edições impressas?

A primeira entrevista é com Fernando Rosa, o Senhor F. A conversa aconteceu em dezembro de 2012. A intenção era publicar o material na edição impressa de número 16 (quando a revista ainda tinha outro formato, lembra?). Entretanto, no mesmo dia conversamos com Fernando Gabeira – que acabou sendo a

capa daquela edição. Nenhuma das entrevistas tinha urgência, ambas têm qualidade e continuam atuais. Na época, optamos pelo nome de mais peso. Confere aí: http://issuu.com/revistabastiao/docs/bastiao_16.

Lídia Jorge foi entrevistada em maio de 2013. A matéria poderia ter entrado na edição 18. Coincidentemente, no mesmo período, entrevistamos Paulina Chiziane, também mulher, também escritora. Acabamos escolhendo a moçambicana no lugar da portuguesa para ilustrar a edição impressa.

<http://issuu.com/revistabastiao/docs/bastiao18issu>

Na véspera das eleições presidenciais do ano que passou, entrevistamos a candidata Luciana Genro. Em um planejamento inicial, pretendíamos entrevistar candidatos ditos nanicos. Essa

conversa não foi publicada por ter sido a única candidata com quem conversamos.

A quarta entrevista surgiu de uma conversa com a cantora, compositora e arquiteta Julakim (em minúsculo como ela prefere) numa noite de fevereiro de 2015.

Devemos, finalmente, e talvez acima de tudo, nos desculpar. Além das explicações sobre as entrevistas, devemos outras. Leitores e assinantes podem ter notado que problemas estruturais dificultam nosso trabalho. As soluções, entretanto, estão sendo buscadas. Acreditamos que pensar e agir colaborativamente, com leitores e apoiadores da mídia independente, é a saída. No próximo mês, tentaremos novas maneiras de financiamento que podem dar um novo fôlego ao Bastião.

Falta pouco! Enquanto isso, boa leitura. 

Quantas mulheres (negras) você leu ano passado? Quantas pretende ler este ano?

Essas simples respostas nos levam a pensar sobre a (falta de) visibilidade das escritoras no meio editorial. Segundo uma pesquisa feita pela acadêmica Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília, dos livros publicados no Brasil entre 1990 e 2004, 93,9% são de brancos, e 72,7% são de homens, ainda que mulheres e negros sejam maioria da população e o número de escritoras tenha aumentado de 17,4 para 27,3% entre as décadas de 1960-1970 e 1990-2000; e o prêmio Nobel de literatura, por sua vez, laureou apenas 13 mulheres (uma negra), dos 111 no total. Nosso acesso para publicação não é igual ao dos homens. E, mesmo que fosse, estaríamos submetidas a julgamentos muito mais duros, como somos cotidianamente em tudo o que fazemos.

Precisamos provar, sempre mais, que somos capazes, que podemos fazer, que temos atributos intelectuais, que também somos gente, tanto quanto os homens.

Para nossa entrevistada, Lídia Jorge, *Cinquenta tons de cinza* parece uma obra inadequada para uma mulher escrever. Ela acredita ser o que há de pior e mais fútil na literatura e diz que nós deveríamos ter mais pudor. Não concordamos. Poderíamos, é claro, escrever sobre muitos outros temas, e evitar reproduzir tanto machismo, mas a (suposta) liberdade sexual feminina também faz parte do que somos, e ainda é um grande tabu. É preciso existir, de qualquer forma que seja.

Nós, mulheres, pouco estamos nas grandes estantes das livrarias. Somos o lançamento que não interessa, a não ser que seja o *best-seller*, inclusive aquele que nos submetemos a assinar apenas com nossas iniciais, para não sermos previamente avaliadas negativamente (vide J. K. Rowling). Isso é sintomático de uma sociedade sexista em que se privilegia

homens, brancos, heterossexuais e de classes mais abastadas. O que for escrito por mulheres é inferior, é para iguais, nenhum homem quer.

A língua, base da nossa comunicação, também nos priva de existência. Somos eles, nunca elas. Um entre várias faz todo o grupo masculino. Nós sempre silenciadas, eles nunca esquecidos, marcados pelo mundo que os dá voz e nos tira.

Nós já conquistamos muito, porém ainda temos muito a conquistar e lutar. Precisamos ser vistas, lidas, ouvidas. Nosso país miscigenado é representado por brancos, enquanto o que não for assim é marginalizado. Fica claro que a falta de qualidade ou existência de mulheres escrevendo é uma inverdade. Não as lemos, muitas vezes, por falta de reflexão sobre o assunto, falta de busca.

Está posta em dúvida nossa capacidade cognitiva, já que nós, as históricas, só sabemos reclamar. Então, que seja, somos as históricas que continuarão reclamando. E não por pouca coisa, mas por tudo que nos for de direito. 🏰





REDAÇÃO

Arthur Viana
Carlos Machado
Gabriel Rizzo Howell
Jéssica Kilpp
Juliano Zarembski
Laís Webber
Lisiane Andriolli Danieli
Luiza Müller
Nádia Alibio
Sergio Trentini

PROJETO GRÁFICO

Egberto Esmério
Nádia Alibio
Sauê Ferlauto

DIAGRAMAÇÃO

Nádia Alibio

REVISÃO

Lisiane Andriolli Danieli

CAPA

Felipe Spencer

ARTE

Nádia Alibio
Ramiro Simch

RELACIONAMENTO

Ana Paula Neri
Luiza Müller
Samantha Dienfenthaeler

FOTOGRAFIA

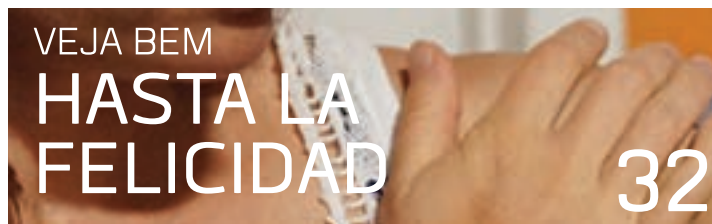
Gabriel Rizzo Howell
Sergio Trentini

COLABORADORES

Diane Sbardelotto
Felipe Spencer
Ingrid Haas Pilar
Jonas Lunardon
Pedro Rheinheimer

COMERCIAL

51 9166.1799 // 51 3311.1025
Praça Júlio de Castilhos, 74/152
Porto Alegre – RS – Brasil



bastiao.net

FACEBOOK.COM/REVISTABASTIAO

TWITTER.COM/REVISTABASTIAO





DESORDEM

A DESORDEM É IMPORTANTE PARA A MÚSICA. O MUNDO ESTÁ DESORDENADO: PROLIFERAM INFORMAÇÕES, PULVERIZA-SE IDEOLOGIAS, A COMUNICAÇÃO NÃO É MAIS UNIDIRECIONAL. NESSA CONVERSA, FERNANDO ROSA, O SENHOR F, PESQUISADOR, JORNALISTA E PRODUTOR MUSICAL TENTA COLOCAR OS PENSAMENTOS EM ORDEM E REFLETIR SOBRE O MERCADO MUSICAL E A SOCIEDADE.

// ENTREVISTA
GABRIEL RIZZO HOEWELL,
INGRID HAAS PILAR & JONAS
LUNARDON

// FOTOS
JONAS LUNARDON

“E eles botam uma camerazinha alta e ficam os quatro num sofazinho te bombardeando. E tomando cerveja pra caralho, só cerveja boa. Na terceira pergunta você tá bêbado e fala qualquer merda. Aí fica bom. E tinha uma banda muito foda lá, meio des-

governada. E eu dizia pro cara ‘bah, organiza essa tua banda que ela é boa pra caralho, mas organiza a desordem. Tira a desordem externa e deixa só a desordem no palco que aí funciona”.

Fernando Rosa começou a conversar antes mesmo da entrevista e não

terminou quando o gravador parou. Falou sobre o que gosta: desse cenário independente, da desordem organizada, das bandas que descobre. Foi além, pois era inevitável falar de política e foi consequência refletir sobre as incertezas características da sociedade atual.

Jornalista, curador e produtor cultural, Fernando é também conhecido como Senhor F, nome do portal criado por ele em 1998. Desde então tornou-se referência como pesquisador da música independente brasileira e latina e de suas raízes, dos Andes à Amazônia.

Antes disso, estudou jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde fez a erudita Rádio da Universidade tocar hardcore. Militou na Organização Comunista do Sul e posteriormente no Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR8), onde podia ouvir rock sem ser considerado imperialista. Saiu do MR8 em 1993 e trabalhou com o PTB, o PT e o PDT.

Em 2005, foi para a Comissão do Mercosul e então a aproximação com a América Latina, que já vinha desde a adolescência, cresceu de maneira acelerada. Três anos depois organizaria o primeiro festival El Mapa de Todos, que busca a integração ibero-americana pela música.

Em dezembro de 2012, conversamos com o Senhor F num bar da Cidade Baixa, em Porto Alegre. O mercado da música, as limitações sociais do rock, as implicações das novas tecnologias e as ligações da música com a política foram o assunto.

TU FALOU DE DESCONTROLE NO PALCO. O CENÁRIO CULTURAL JÁ FOI MAIS PROPÍCIO PRA ESSE DESCONTROLE E HOJE É MEIO BUNDA-MOLE?

Acho que tá um pouco *bunda-mole*, sim. Mas não é culpa de ninguém, não é do artista. Tem *bundamolice* porque o cara fica medindo muito até onde dá pra ir?, o que eu posso fazer?, isso vai dar certo?, tem mercado?... Eu acho que numa época anterior era mais fácil tu assumir aquilo e “vamo lá, vamo enfiar o pé na jaca e fazer o negócio virar”. Hoje tem todo um processo de mutação no mercado, na relação do músico com o público, do músico com a produção, com a distribuição da música. Tem muito mais um mercado de nicho. As pessoas tão tateando como que vende disco. Ninguém mais vende disco, na verdade.

Entrevistei os guris da Vera Loca, e o Diego falou a mesma coisa: “Eu saí de Tupanciretã, fui pra Santa Maria e vim morar em Porto Alegre. Eu não sei fazer mais nada, sou músico. Eu não tinha alternativa, tinha que fazer virar o meu negócio”. Me perguntaram em Brasília: “Por que as bandas de Brasília não viram?” No plano piloto de uma cidade de classe média, todo mundo ganhando muito bem, com a vida resolvida, por que tu vai enlouquecer? Tu vira músico de uma forma mais confortável, tu tem tua banda, toca quando dá, organiza uma turnê nas férias de todo mundo. Então é outra lógica de ser artista.

E O CENÁRIO DE BRASÍLIA NOS ANOS 1980?

Mas aí era outra lógica, a da indústria. O que não era legal antes é que só tinham três bandas que viraram: Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude. Tá, elas eram as melhores, mas existiam outras legais também. De 2000 em diante, tem várias bandas boas lá. O lado ruim: tu não conseguiu uma banda de projeção, a não ser o Móveis [Coloniais de Acaju], que tem uma projeção limitada se comparada com Legião, Plebe e Capital, mesmo na época. Mas, por outro lado, deu uma democratizada, mais bandas surgiram, tiveram onde tocar. É outra realidade, não tem como comparar. Lá eles perguntam:

“O que não deu certo?”. Nada “não deu certo”. Aliás, deu certo! Porque era um período de virada de década e a gente construiu uma cena com várias bandas legais que ficaram pra história da cidade naquela década. Claro que nenhuma com a projeção da Legião Urbana, não surgiu nenhum Renato Russo, mas eu diria que tem tantas músicas legais quanto as que foram escritas por essas outras três, mas sem a mesma dimensão.

A gente vive um momento de muita confusão, de um volume de informação absurdo e há uma certa dificuldade de filtrar tudo isso, de se posicionar.

É UMA QUESTÃO DE MERCADO TAMBÉM?

É. Antes tu tinha uma rádio que bombava. Hoje as rádios perderam, em boa parte, seu poder de formar opinião. Assim como

não tem mais o jornalista como formador de opinião. Eu sou de uma geração que comprava o jornal pra ler o Juarez Fonseca na Zero Hora. Quem hoje dá bola pro que algum jornalista escreve? Ninguém. Tem uns caras legais que a gente respeita. Hoje pro moleque não tem a menor diferença entre uma resenha que ele leu num blog que tem 100 acessos e o que o jornalista da *Ilustrada*, da *Folha de S. Paulo*, diz. Ele acompanha o cara do blog que ele gosta. A opinião que vai pesar pra ele é essa, e não a do fodão da *Folha de S. Paulo*, que ele nem sabe quem é direito, porque não lê jornal. As minhas filhas não leem jornal, têm 20, 25 anos. Meu pai de 80 anos fica horrorizado. Eu digo: não lê; se informam por outras fontes – é *Facebook*, *Twitter*, a internet em geral. E de repente o grupo de

amigos com que elas se relacionam é mais importante do que a opinião da *Folha de S. Paulo*, da *Veja*. Outro dia eu saí pra ir na banca de revista em Brasília comprar *Coca-Cola* e sorvete. Na banca – de revista e jornal! Daí minha mulher falou: “Não esquece de trazer um jornal pra Melissa!” Sabe quem é a Melissa? Minha cachorra, que precisava do jornal pra fazer xixi.

O pessoal mais velho diz “ah, essa juventude alienada”. Eu acho o contrário. A gente vive um momento de muita confusão, de um volume de informação absurdo e há uma certa dificuldade de filtrar tudo isso, de se posicionar. Mas não acho que isso seja ruim, acho que quanto mais informação melhor.



O rock foi virando cada vez mais uma linguagem de classe média, e é isso.



Hoje pro moleque não tem a menor diferença entre uma resenha que ele leu num blog que tem 100 acessos e o que o jornalista da Ilustrada, da Folha de S. Paulo.



A GENTE FALAVA ANTES DAS BANDAS QUE NÃO DÃO CERTO. ISSO NÃO TÁ RELACIONADO COM O FATO DE QUE O QUE AS PESSOAS OUVEM SE DILUI MUITO?

Tem isso. Eu sou um ouvinte assim. Eu tô com o *Twitter* aberto, com um disco no drive, um disco que baixei ontem e tá tudo meio funcionando, daí de repente alguém posta algo no *Twitter* e eu já abro e vou ver. Acho que isso é um negócio meio doido. Tende a uma dispersão e de repente até a uma certa paralisia. Tu ouve tanta coisa que acha que tudo é meio igual.

Mais complicada é a relação artista-público. Eu acho que em função da dispersão, quem cria tá com mais dificuldade de se comunicar, de se conectar. Hoje a

sociedade vai produzir artistas que produzem sínteses globais? Ou seja, tu vai ter o Chico Buarque, um Renato Russo, um Lupicínio Rodrigues, que num determinado momento traduziram uma coisa meio intangível, um sentimento coletivo? Tu tinha formas de transmitir essa informação que

*Eu fui um cara
que nunca
separei o rock da
política, nunca
achei que rock
é coisa de jovem
alienado e política
de jovem sério.*

era uma mão dupla, ia e vinha. E agora esse troço fracionou. Eu não sei, é difícil de responder. Eu acho que ainda tem síntese.

Mas faz tempo que não aparece alguém que diga alguma coisa...

Apareceu o Criolo em São Paulo, com o *Não existe amor em SP*,

com algumas letras de certa forma traduzindo um pouco a São Paulo moderna. Mas não sai daquilo, não se espalha como Raul Seixas, por exemplo.

O CRIOLO TEM A RAIZ NO RAP, QUE SEMPRE BUSCOU TRAZER UMA MENSAGEM, ENQUANTO O ROCK ACABOU PERDENDO UM POUCO DISSO.

Na verdade acho que se tem uma ilusão com o rock. O rock foi virando cada vez mais uma linguagem de classe média, e é isso. Quando ele consegue romper esse universo de classe média, ele vai pro universo social-geográfico do rap e se torna popular. A gente tem exemplos no país: Roberto Carlos, na Jovem Guarda, depois Raul Seixas. Se tu tiver numa festa de pagode no fundão de uma periferia de uma cidade qualquer o cara conhece Raul Seixas. Conhece Legião ou, aqui mesmo, Engenheiros do Hawaii, que nêgo renega, mete o pau aqui. Tu vai pro interior do Acre e o que é conhecido é Engenheiros do Hawaii.

Então o rock tem isso. Quando ele rompe com a linguagem de guetos, intelectuais, da visão de classe média da vida, ele...

TU FALA DA LINGUAGEM SONORA OU POÉTICA?

Principalmente poética. Quando ele consegue estabelecer um nível de comunicação mais amplo. Mas claro que não é só a poética. Por exemplo, o que explica o Raul Seixas? É um rock quadrado americano, Elvis Presley, *rockabilly*, mas com uma levada de baião. Não tinha como dar errado, o cara era muito esperto. Legião tem toda uma coisa do discurso, da música mais emocional, que tem uma história do rock universal – Elton John, ou, hoje em dia, Coldplay –, isso sempre tem um mundo, um universo de pessoas que se liga nisso, nessa coisa mais coração, mais emotiva. Embora tivesse um discurso de razão também. Então o rock tem uma limitação.

COMO SURGE A IDEIA DO EL MAPA DE TODOS? A PROPOSTA É BASICAMENTE IDEOLÓGICA.

Ela tem uma base das duas coisas. Eu já começo a ouvir música latina com um mix de política junto. Nos anos 1970 teve as ditaduras uruguaias e argentinas, principalmente na Argentina, em 1976, e veio muita gurizada de lá pra cá. E eles vinham com os discos de baixo do braço, com Sui Generis, Pescado Rabioso, esses artistas todos. Coisas mais antigas como Los Gatos, Los Shakers. Como eu tinha amigos que faziam política – eu ainda não fazia política, depois

passei a fazer –, eu acabei com uma proximidade com essas pessoas refugiadas, digamos assim. Então já nasceu ali, com 18, 20 anos. Eu já ouvia num ambiente de política. Eu fui um cara que nunca separei o rock da política, nunca achei que rock é coisa de jovem alienado e política de jovem sério. Eu continuei ouvindo música latina, muita música folclórica: Victor Jara, Violeta Parra, Mercedes Sosa, Atahualpa Yupanqui, Horacio Guarany, essa galera toda, a maioria ligada aos partidos comunistas dos países. Mas isso sempre paralelo ao rock.

Anos depois, em 2005, eu trabalhava no governo, saí e fui trabalhar no processo de criação do parlamento do Mercosul, pra cuidar de questões políticas, econômicas, sociais. Então eu me envolvi muito com essa lógica da política mais concreta mesmo. Nesse meio tempo, o governo Lula, principalmente no segundo mandato, radicaliza um pouco essa linha de articulação dos países da América do Sul, mudando todo um processo anterior. O Brasil sempre tinha sido um país meio isolado, mais voltado pra Inglaterra, Estados Unidos. Sempre olhando pros *hermanos* ou de lado ou, muitas vezes, dando as costas

mesmo. Então quando a gente criou a Abrafin (Associação Brasileira de Festivais Independentes) – que depois rachou – um grupo de pessoas sugeriu que os festivais vinculados a ela procurassem estabelecer contato com os países de fronteira. Tipo, que os festivais do Rio Grande do Sul procurassem trazer artistas da Argentina e do Uruguai.

No Acre, trazer artistas bolivianos e peruanos. Cuiabá tentar trazer artistas do Paraguai. Isso aconteceu. A partir de 2005, muitos artistas, principalmente argentinos, circularam pelos festivais brasileiros.



Aí, em alguma mesa de bar de Brasília, surgiu a ideia de rolar um festival sul-americano, latino. E eu fui pra casa com a ideia. Joguei na rede, fiz pesquisa de mercado. A primeira edição foi em Brasília, em novembro de 2008. A gente abriu a primeira noite com Marcelo Camelo, iniciando carreira solo, então óbvio que lotou. No outro dia, o Mundo Livre S/A, e no terceiro dia o Babasónicos, da Argentina. O Babasónicos tinha tocado em Bogotá num estádio de futebol pra 30, 40 mil pessoas e depois tocaram em Brasília pra 800, o dia que teve menos público. E era, do ponto de vista da América do Sul, a maior banda. Já evidenciava a dificuldade que as pessoas têm de não conhecerem as bandas latinas.

COMO É QUE SE CRIA ESSA CULTURA DE SE OUVIR NÃO SÓ O QUE É DAQUI?

Eu acho que tem uma coisa que a internet ajudou: antes quem patrocinava ou quem promovia um mínimo de aproximação cultural era a indústria do disco. Então, por exemplo, ela lançou Paralamas do Sucesso na América do Sul em espanhol. Letras bem traduzidas, coisas bem feitas, com certo rigor linguístico. Mas era uma coisa do padrão da indústria só. Na primeira edição [do El Mapa de Todos] a gente desenvolveu muito esse raciocínio: por que o brasileiro não gosta de música latina? Não gosta porque é uma merda. O que chega no brasileiro de música latina? Ricky Martin, Julio Iglesias e o filho, Alejandro Sanz, a Shakira – que até não é tão ruim, mas é no máximo a subMadonna – o que mais? Só lixo, lixo que é produzido pela indústria cultural americana pro mercado interno latino e aí, como subproduto, eles exportam pra nós e é o que chega aqui.

E outra coisa: existe um mediador disso que é a linguagem do rock. No El Mapa, a gente sofre pressão de gente que diz “pô, vocês devem botar uma coisa mais *roots*, põe artista de murga uruguaia, põe artista de candombe, põe uns batuque brasileiro”. Acho que tem que ter eventos que façam isso, se tivesse um festival que juntasse a música negra peruana, que é foda pra *caralho*, a música negra uruguaia, brasileira, colombiana, ia ser um negócio do *caralho*, com poder de convocação de público muito maior que o El Mapa. Mas eu não tenho perna pra organizar isso. Só que pro universo que a gente trabalha tem uma linguagem mediadora, que é a linguagem do rock.

Por exemplo, o [Juan] Cirerol, que é um mexicaninho com um violão, mas o carinha aqui do Brasil, quando ouviu, se lembrou de Bob Dylan, Johnny Cash, Chaves, entendeu? Ele tem um conjunto de informações que são do mundo do rock, desse universo pop, por isso aquela empatia. Ele subiu no palco, tocou uma música e foi um negócio, – cara! –, que eu não via faz não sei quantos anos. Ele lá é um cara que atualiza uma linguagem. Sei lá, como aconteceu com o Borghettinho aqui. Hoje é normal esse bando de gente mais nova que ouve música gaúcha, mas teve uma época que isso era difícil. Mas aí o Borghettinho surgiu lá com a bombacha desamarrada, alpargata, cabelo de *hippie*, com um jeito de tocar mais moderno, mais *punk*, mais agressivo, e aí tudo bem.

Uma outra discussão: eu me criei, na política, com nêgo trabalhando a ideia do rock como imperialista americano, e eu não acho. É só tu estudar o desenvolvimento da linguagem do rock, é universal. As expressões rock, os verbos, *rock and roll*, separados, foram agregados à língua inglesa lá no tempo do Shakespeare, pré-armada inglesa, que depois dominaram o mundo. Então é uma coisa que nasce do outro lado do Atlântico, vai pros EUA pela mão do negro africano, um branco transforma aquilo, depois volta pra Inglaterra e o negócio ganha o mundo. Então não dá pra dizer “negócio imperialista e tal”. Claro, o uso posterior, quando a indústria capitalista – pra usar uma linguagem bem econômica – se apropria do produto final e faz uso, ganha grana, é outra história. O rock é a única linguagem que tu pode juntar um moleque de 15 anos e um cara de 80 e eles podem conversar.

ANTES TU FALOU DO ELVIS PRESLEY E DO PAPEL QUE ELE TEVE. TU ACHA QUE HOJE EXISTE UM ARTISTA QUE TEM ESSE PAPEL, A NÍVEL NACIONAL OU MUNDIAL? AINDA CABE A ELES ISSO?

Eu nem sei se coube em algum momento. Eu acho que sempre tem, mas eu acho que foi perdendo um pouco. Teve o Elvis, teve o Bob Dylan com a luta dos direitos civis nos Estados Unidos, nos anos 1960, depois teve o John Lennon com toda aquela história do sonho hippie, da nova sociedade – mas ele era mais concreto que isso, eu acho. Ele se posicionou contra a Guerra do Vietnã claramente. Depois, de alguma maneira, você teve o Bono Vox. Mas eu acho que foi ficando uma coisa meio mercadológica, meio Live Aid, “mobiliza artistas contra a fome na África”. Eu acho que foi perdendo o foco mais concreto. Acho que hoje

você tem movimentos tipo o Occupy Wall Street, que de certa forma botou no foco da coisa no sistema financeiro internacional que é, digamos, o “inferno do mundo”: não serve pra nada, só explora o trabalho dos outros, transforma em dinheiro e cobra por isso.

Mas eu acho que eles ainda têm o papel, mas não teria um nome pra citar hoje. No Brasil, não tem. Eu sempre tendo a achar que não tem mais, mas eu não gostaria de achar isso, talvez por isso acabe não concordando. Porque o cara da música, da poesia, da literatura, tá pensando sobre o mundo. Então é meio natural que algum deles consiga ter uma percepção mais aguda da hu-

manidade e falar “*bicho*, é isso aqui ó”. Então eu não quero achar que não vai ter, porque aí é uma merda, aí nós estamos fodidos. Mas acho que é fruto dessa confusão toda, desse excesso de informação, dessa pulverização política, ideológica. Está tudo meio confuso, mas eu acho que sempre tem alguém que não aceita que a humanidade chegou no fim da linha. Cara, isso não existe! Envelhecer é uma dificuldade, porque as pessoas vão cada vez mais botando a referência no passado, e isso é uma merda, porque não é assim. O mundo é o inverso disso, ele anda pra frente. A humanidade sempre andou pra frente, ela nunca anda pra trás, as pessoas que acham isso. 





A REVOLUÇÃO QUE O BRASIL ADIOU



OS 1,6 MILHÃO DE VOTOS ALCANÇADOS POR LUCIANA GENRO REPRESENTAM CRESCIMENTO DE 81% PARA O PSOL ENTRE AS ELEIÇÕES DE 2010 E 2014. AINDA ASSIM, A REVOLUÇÃO PROPOSTA PELO PARTIDO TERÁ QUE ESPERAR NO MÍNIMO OUTROS QUATRO ANOS PARA ACONTECER.

// ENTREVISTA
ARTHUR VIANA & CARLOS
MACHADO

// FOTOS
AGÊNCIA BRASIL

Foi antes de mandar Danilo Gentili estudar mais e de tirar o sorriso irônico do rosto de Aécio Neves nos debates presidenciais que Luciana Genro sentou à nossa frente em uma cafeteria na Rua dos Andradas, centro de Porto Alegre, e pediu um carioquinha e “uma água com”. Naquela tarde, ouviríamos da candidata do PSOL à presidência nas eleições de 2014 suas ideias para um então possível – mas, desde sempre, improvável – mandato. Mais do que o programa de governo, Luciana nos apresentou questões que a esquerda pretende pausar na política nacional daqui em diante. Entre os principais temas, além da defesa dos direitos humanos, a renegociação da dívida pública brasileira e a taxação de grandes fortunas, alicerces do que Luciana define como “revolução tributária”. Sabendo da jornada ingrata que teria à frente em um processo elei-

toral desequilibrado, ela também lembrou a urgência de uma reforma política e eleitoral no Brasil: “Nós temos 51 segundos de tempo de TV, a Dilma tem 12 minutos. Há uma diferença gritante. Mas a gente tem que confiar na capacidade do povo de escolher, mesmo com toda essa sistemática do regime político tentando impedir que um partido como o PSOL cresça”. Ao final de outubro, no entanto, descobrimos que o PSOL de fato cresceu, ainda que não o suficiente para fazer frente aos maiores partidos: Luciana Genro recebeu voto de 1,5% dos eleitores brasileiros, aproximadamente 1,6 milhão de pessoas. O número representa um crescimento de 81% em relação à candidatura do PSOL em 2010, quando o partido foi representado por Plínio de Arruda Sampaio. Ainda que com mais adeptos, a revolução pregada por Luciana foi, uma vez mais, adiada.

O Equador conseguiu anular 70% da sua dívida após uma auditoria

A DÍVIDA PÚBLICA É CALCULADA POR LOBISTAS DOS BANCOS

O Brasil gasta hoje 40% do seu orçamento para pagar juros e amortização da dívida pública. Fazemos um superávit primário de R\$ 90 bilhões, o que significa dinheiro dos impostos que são economizados pelos governos federal, estaduais e municipais indo diretamente compor essa vultosa quantia de dinheiro que serve para pagar os juros da dívida. Esse pagamento, na verdade, atende ao interesse das cinco mil famílias mais ricas do Brasil, que são as donas desses títulos, além dos próprios bancos, que são proprietários de 50% dos títulos da dívida pública. Nós propomos uma auditoria, com a suspensão do pa-

gamento dos juros para esses segmentos – bancos e especuladores –, preservando, evidentemente, os pequenos poupadores e os fundos de pensão, para que se possa avaliar a legitimidade desse processo. A CPI da dívida pública que aconteceu no Congresso Nacional, inclusive por iniciativa de um deputado do PSOL, o Ivan Valente, identificou que a fórmula que o Banco Central usa para calcular os juros é totalmente viciada, porque é embasada na opinião de “especialistas” que, na verdade, são os lobistas dos bancos e do mercado. Nós acreditamos que, assim como o Equador conseguiu anular 70% da sua dívida após uma auditoria, isso também é possível no Brasil.

REVOLUÇÃO TRIBUTÁRIA

A nossa segunda proposta fundamental é o que chamo de revolução tributária. O que significa isso? Inverter a lógica do atual sistema tributária brasileiro, que é extremamente duro com o assalariado, com os pobres e com a classe média. A tributação sobre o salário e sobre o consumo é extremamente elevada. Além, evidentemente, do Imposto de Renda. Nós queremos aliviar essa tributação sobre o trabalhador e o povo em geral e aumentar sobre o grande capital. Uma das propostas que a gente coloca é a regulamentação do imposto sobre grandes fortunas, que é um dispositivo constitucional

que até hoje é letra morta – assim como vários outros que são favoráveis ao interesse do povo e não são cumpridos. Ele necessita de uma lei complementar para ser regulamentado. Quando deputada, eu apresentei uma proposta que partiria de uma tributação de 1% sobre fortunas acima de R\$ 3 milhões, indo progressivamente até chegar a uma alíquota de 5% sobre fortunas acima de R\$ 50 milhões, que poderiam arrecadar R\$ 90 bilhões – casualmente, o mesmo valor do superávit primário que o Brasil faz pra pagar a dívida pública.

O CONGRESSO QUER UMA REVOLUÇÃO?

Alguns congressistas têm essas fortunas, e outros representam quem tem, então também não vão querer votar. Mas eu acredito em um processo de mobilização como tivemos em junho de 2013, que fez o Congresso se apavorar diante da multidão nas ruas e prometer diversas medidas (que depois foram engavetadas). Eu tenho dito que essas mudanças que proponho, particularmente essa revolução

na estrutura tributária, que não é só o imposto sobre grandes riquezas, mas um conjunto de medidas que atingem diretamente os interesses dos bancos e das grandes empresas multinacionais, só são possíveis com a mobilização popular para pressionar legitimamente os parlamentares a votar medidas que são de interesse do povo. Esse balcão de negócios que o governo estabelece com o Congresso Nacional, de troca de cargos por

votos ou dinheiro, acontece justamente porque os governos precisam aprovar medidas que são impopulares. Eles não podem apelar para a pressão popular para ver suas medidas aprovadas. Como eu pretendo propor medidas que terão apoio popular, eu acredito que essa mobilização será possível e suficiente para tencionar o Congresso a aprová-las.

lá fora a juros baixos e vêm para o Brasil comprar os títulos da nossa dívida pública e ganhar 11% ao ano. Isso não interessa ao Brasil, não é investimento produtivo, não faz o País crescer. Pelo contrário: isso é parasitismo, pois só serve para eles ganharem dinheiro. Não serve para o nosso desenvolvimento, para geração de renda, para a redução da desigualdade social. Esse tipo de investimento não nos interessa e é exatamente o que queremos afastar. São os investimentos abutres, como vemos acontecer na Argentina. Os abutres estão permanentemente nesse processo especulativo que gera uma desgraça para o país. Eu não me preocupo com a imagem do Brasil perante esses mercados financeiros ou perante esses especuladores. Eu me preocupo com a imagem do Brasil perante o seu povo.

OS ABUTRES ESTÃO PERMANENTEMENTE NESSE PROCESSO ESPECULATIVO

O grande problema da dívida pública é que ela sustenta justamente um sistema que é voltado exclusivamente para atender os interesses dos especuladores. O Brasil hoje tem uma das maiores taxas de juros do mundo, de 11% – nos EUA e na Europa ela está entre 0% e 1%. O que acontece: os especuladores pegam dinheiro emprestado



REGULAÇÃO DA MÍDIA: CENSURA É O QUE TEMOS HOJE

Hoje, quando falamos em regulação da mídia, os grandes veículos pulam como se estivéssemos falando de censura. Na verdade, hoje é que existe uma grande censura, porque a mídia tradicional só publica o que o dono quer que seja publicado. Não há nenhuma democracia nos meios de comunicação. Pequenos veículos recebem pouco apoio e têm muita dificuldade em sobreviver. A nossa ideia é democratizar esse processo: acabar com a fórmula atual de concessões, abrir um grande debate na sociedade, junto aos jornalistas e a quem atua nesse meio, para produzir uma proposta. Temos uma diretriz geral que é democratizar e, ao mesmo tempo, possibilitar que os meios de comunicação alternativos possam receber apoio. Nós temos que discutir se essas grandes redes de televisão, jornais e revistas que recebem publicidade privada deveriam também

receber publicidade governamental, ou se publicidade governamental não deveria servir para apoiar as mídias alternativas. Não é possível que um governo de esquerda sustente um veículo de comunicação que notadamente trabalha para destruir qualquer ideologia de esquerda. É o caso da *Revista Veja*. Eu, inclusive, estou processando essa revista por calúnia e difamação. O meu governo não vai dar dinheiro para um veículo assim, que é absolutamente falsificador dos fatos e da realidade. Não interessa a circulação que ela tem, não interessa o grau de difusão que ela tem. Interessa que é uma mídia destrutiva que não oferece informação de qualidade. Eu acho que esse tipo de critério também tem que ser utilizado, não só a circulação do veículo.



MACONHA: ENQUANTO HOVER DEMANDA, HAVERÁ OFERTA

No mundo inteiro já tá mais que comprovado que a guerra às drogas fracassou. A quantidade enorme de dinheiro que os governos investem nessa guerra não diminuiu o consumo de drogas, até porque o uso de drogas das mais diversas – legais e ilegais – é uma característica da história da humanidade. Enquanto houver demanda, haverá oferta, isso não diminui com a repressão. O que a repressão causa? Violência e corrupção policial. Esses são os grandes resultados da guerra às drogas. Há estudos que demonstram que os malefícios da maconha podem ser iguais aos malefícios do álcool e do cigarro, então, em nossa opinião, a maconha é uma droga que deve ser tratada nos mesmos patamares de outras drogas legais. Isso vai possibilitar um debate mais franco sobre o tema, com acesso a uma informação mais qualificada

sobre o assunto – para os jovens, principalmente, que são os principais usuários. Isso possibilitará àqueles que têm condições de fazer um uso recreativo da maconha o façam sem ter contato com o traficante e, portanto, com outras drogas muito mais perigosas, como é o caso do *crack*, ao mesmo tempo em que possam ter acesso a uma droga com algum controle de qualidade – muito do malefício que a maconha causa deriva de outros produtos químicos que são acrescentados à *cannabis*. Assim, o jovem terá acesso a uma informação sem preconceito, para que ele saiba que o uso abusivo da maconha pode causar dependência, pode trazer problemas de memória, de concentração, além de outros problemas, assim como o álcool e o cigarro também causam. E a maconha, como se sabe, pode ter um uso medicinal importantíssimo no tratamento de várias doenças, além de ser uma porta

de saída para drogas mais pesadas. Tem um estudo da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo) que demonstra que 60% dos usuários de crack que se submeteram ao estudo conseguiram se libertar da droga passando a usar apenas maconha, que é muito menos destrutiva.

**A gente
não é a
favor do
aborto: a
gente é a
favor das
mulheres.**

AS ABORTEIRAS UTILIZAM AGULHA DE TRICÔ, COISAS HORRENDAS

Existem setores religiosos que apoiam a descriminalização do aborto. Tem um grupo forte de católicas que defende isso. O aborto é uma realidade. O comportamento das pessoas pode estar subordinado à crença religiosa, mas não a lei. Ninguém é a favor do aborto; ele é um drama para qualquer mulher. Eu fui mãe aos 17 anos. Tive todo o apoio do pai do meu filho, apoio da minha família e, mesmo assim, não foi fácil ser mãe aos 17 anos, assim como não é fácil ser mãe em qualquer idade. Isso tem que ser uma escolha da mulher, não uma imposição da sociedade. Nós queremos acabar com a hipocrisia de que as mulheres que têm recursos podem fazer aborto com segurança e as que não têm devem se submeter a aborteiras de fundo de quintal, que utilizam agulha de tricô, coisas horrendas, o que faz com que o aborto seja a terceira maior causa de morte materna no Brasil.

A gente não é a favor do aborto: a gente é a favor das mulheres. Queremos defendê-las dessa tragédia que é morrer em decorrência de um aborto clandestino ou ser discriminada, inclusive no SUS, como acontece com a mulher que, após sofrer uma mutilação com uma aborteira de fundo de quintal, recorre ao sistema público de saúde e lá encontra profissionais preconceituosos pelo fato de ela ter cometido um crime ao provocar o aborto.

A POLÍCIA TEM UM PAPEL FUNDAMENTAL NO SISTEMA CAPITALISTA: É A ÚLTIMA INSTÂNCIA PARA A MANUTENÇÃO DO STATUS QUO

A polícia tem um papel fundamental no sistema capitalista. Em última instância, quando a hegemonia via processo ideológico, que se dá pelos meios de comunicação, pela escola, pela família, quando essa hegemonia política para manter o *status quo* não funciona mais, eles recorrem à violência. A polícia está aí para isso. Por isso todos os governos, inclusive o do PT, que tem por definição a manutenção do regime capitalista, investem na polícia. É a forma de manter o *status quo* e a ordem quando os outros mecanismos falham.

A cultura da polícia é violenta e de repressão.

Por isso a nossa proposta é de destruição desse sistema político e econômico. Não adianta somente chegar ao poder. Se mantivermos as mesmas estruturas, faremos o mesmo que o PT. Vamos nos moldar, nos adaptar a essas instituições. Nós não queremos isso – por isso fomos expulsos do PT. O nosso projeto é chegar ao poder para transformar, acabar com esse modelo e trazer um novo sistema econômico e político. Parte disso é a desmilitarização da polícia e a democratização dentro da corporação – porque

o policial que tá lá na ponta batendo no manifestante é humilhado pelo superior, em uma estrutura hierárquica, autoritária e extremamente violenta. A cultura da polícia é violenta e de repressão. Eles enxergam o jovem pobre e negro como um potencial bandido. Essa lógica sempre vai se reproduzir em uma sociedade de classes como a nossa. A polícia vai sempre ter esse papel. Por isso o nosso projeto é global, de mudança estrutural, e a polícia certamente é parte dessa mudança que precisa ser feita.

DEPOIS DA ELEIÇÃO, VIRAM AS COSTAS PARA O POVO E FAZEM O QUE BEM ENTENDEM

A necessidade da reforma política é enorme. A reforma ideal para mim parte de mudanças na legislação eleitoral, acabando com essa lógica da venda do tempo de televisão, no processo de alianças. Como se acaba com isso? Não contando o tempo de TV dos partidos que se juntam em alianças, só o tempo do partido que encabeça a chapa e no máximo o do vice. O tempo que sobrasse dos outros partidos seria distribuído igualmente entre todos. Isso já democratizaria o acesso ao tempo de TV e acabaria com o balcão de negócio das alianças. Segundo: acabar com o financiamento privado de empresas. Permitir apenas financiamento público e de in-

divíduos, com limite de gastos baixo. Isso para que as campanhas não sejam espetáculos de marketing político, mas sim campanhas baseadas na espontaneidade dos candidatos e nos debates. Hoje, os marqueteiros fazem pesquisas qualitativas para saber o que as pessoas querem ouvir e botam aquelas palavras na boca dos candidatos, transformando-os em produtos, não em um autêntico proponente de um programa de mudanças. Outro aspecto importante é que as pessoas possam se candidatar por fora dos partidos políticos, já que tem gente que quer dar sua contribuição para a política do país, mas não se identifica com nenhum partido. Isso são mudanças básicas para que possamos ter eleições minimamente justas. Depois tem outras mudanças mais profundas que precisam ser feitas, no

sentido de fortalecer os mecanismos de democracia direta, como plebiscitos e referendos, para que os grandes temas do país possam ser objetos de debate e de decisão do povo, assim como a revogabilidade dos mandatos, tanto dos governantes como dos parlamentares, para que o povo tenha a oportunidade de se manifestar pedindo a revogação dos mandatos daqueles que não cumprem seus compromissos. Essas são algumas propostas que a gente apresenta no sentido de democratizar o sistema político e de possibilitar que o processo eleitoral tenha alguma representatividade real e não seja apenas um ato formal de as pessoas votarem, mas que realmente elas estejam conscientemente escolhendo os rumos do país e que os escolhidos estejam de fato submetidos àquele mandato que lhes foi concedido, e não depois da eleição virar as costas para o povo e fazer o que bem entendem.

NADA DEVE PARECER IMPOSSÍVEL DE MUDAR

Depois do que aconteceu em junho de 2013, temos que nos lembrar da frase de Bertolt Brecht, que o Marcelo Freixo usou muito no Rio de Janeiro quando foi candidato a prefeito – também em condições bem desiguais, com pouquíssimo tempo de TV e recursos, e fez 30% dos votos –, que é “nada deve parecer impossível de mudar”. Não é impossível: é difícil. Nós temos o teto de R\$ 900 mil reais de arrecadação [Dilma Rousseff arrecadou mais que R\$ 300 milhões; Aécio Neves, mais que R\$ 200 milhões]. Nós temos 51 segundos de tempo de TV; a Dilma tem 12 minutos. Há uma diferença gritante. Mas gente tem que confiar na capacidade do povo de escolher, mesmo com toda essa sistemática do regime político tentando impedir que um partido como o PSOL cresça. A gente precisa confiar no povo. 



LÍNGUA EXTIDA LÍNGUA FALIDA

// ENTREVISTA
ARTHUR VIANA &
GABRIEL RIZZO HOEWELL

// FOTOS
DIANE SBARDELOTTO &
GABRIEL RIZZO HOEWELL

ESCRITORA PORTUGUESA LÍDIA JORGE ANALISA O CENÁRIO DA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA E A SITUAÇÃO DO PRÓPRIO IDIOMA, QUE PARECE FALIR EM DETRIMENTO DOS OUTROS

“Nós produzimos na diversidade, mas a escolha é feita com o olhar único, compreendem? Isso rouba-nos o amor próprio, a autoestima das literaturas por si próprias e, portanto, rouba a autoestima dos povos”.

Lídia Jorge vê a falência da língua brasileira em detrimento do inglês. A literatura de língua portuguesa precisa, e quase sempre precisou, do batismo anglo-saxão. Cada vez menos leitores brasileiros conhecem autores portugueses e

vice-versa. Foi esse o cenário que a escritora portuguesa nos apresentou quando nos recebeu no saguão do Hotel Embaixador, Centro de Porto Alegre, em maio de 2013.

De lá pra cá, é verdade, vão-se quase dois anos. Entretanto, não se pode dizer que muita coisa mudou: a aproximação entre os países lusófonos, defendida pela autora, segue sem intensidade, e a crise econômica portuguesa, que afetou investimentos na área da cultura, não está solucionada.



Lúcia Jorge é uma das mais destacadas escritoras portuguesas da atualidade. Nascida no Sul do país em 1946, ela viveu parte da juventude em Angola e Moçambique, onde foi professora. Entre romances, antologias de contos e peças de teatro já se vão mais de 15 livros publicados, como *O dia dos prodígios* (1980) – escrito logo após a Revolução dos Cra-

vos –, *A Costa dos Murmúrios* (1988) – inspirado por seu período na África – e *A Noite das Mulheres Cantoras* (2011) – que em 2015 substituiu Saramago como leitura obrigatória para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tais obras a colocam entre os mais vendidos e premiados autores de Portu-

HOVE UM PERÍODO EM QUE A LITERATURA PORTUGUESA E A LITERATURA BRASILEIRA DIALOGAVAM BASTANTE. A SENHORA PERCEBE ISSO HOJE OU AGORA ELAS CAMINHAM PARALELAMENTE?

Eu penso que hoje caminham paralelamente. É muito difícil dizermos que os escritores brasileiros influenciavam os portugueses e vice-versa. Há um interesse mútuo pelo que está a acontecer no Brasil ou em Portugal, mas os autores estão muito individualizados e eu não posso dizer, por exemplo, por quem sou influenciada.

Isto é, hoje se pode dizer que, em termos de poesia, Fernando Pessoa influencia toda a gente, também o Brasil, não é? Em sentido inverso, a autora que mais influencia Portugal é, sem dúvida, Clarice Lispector.

E é muito curioso que sejam dois autores do ciclo modernista. Porém, eu tenho dificuldade em dizer quais são os autores que neste momento recebem influência do outro, porque a personalidade individual de cada autor é muito forte. Percebe-se que estes autores funcionam como leituras, mas não vejo um aproveitamento textual.



Nós, antes de sairmos dos nossos territórios, temos de ser batizados pela língua inglesa.

MAS A SENHORA ACREDITA QUE ISSO É POSITIVO, OU DEVERIA HAVER UMA CONVERSA MAIOR ENTRE AS DUAS?

Deveria haver mais conversa, não por fenômenos de imitação, mas de conhecimento. Deveria haver mais aproximação, sobretudo em relação ao grande público. Porque em relação aos escritores, já aproximamo-nos. Lemo-nos uns aos outros. Mas não passa dum círculo muito restrito e, portanto, fica no nível de estudos universitários, dos grandes leitores, grandíssimos leitores. Em termos populares, é difícil encontrarmos os nossos livros no Brasil, é difícil os autores brasileiros serem lidos em Portugal. A não ser um fenômeno, como é o caso dos livros do Chico Buarque. Mas para além desses fenômenos, não se fazem *best sellers* – não é que o *best seller* seja um alvo, mas pode ser um sintoma, não é?

Penso que Saramago se popularizou de alguma forma, não é? Mas, por exemplo, o Lobo Antunes tem dificuldade em popularizar-se [por aqui]. Agustina Bessa-Luís não é conhecida do público brasileiro. Portanto, há aqui uma espécie de cápsula, como se a população do Brasil tivesse uma indiferença em relação à literatura portuguesa, e o povo português, em relação à literatura brasileira.

MAS SERÁ QUE ISSO NÃO TEM RELAÇÃO COM O MERCADO EDITORIAL, COM O FATO DAS EDITORAS NÃO FAZEREM ESSE INTERCÂMBIO?

Sim, sem dúvida. A questão é editorial, vê-se muito bem: quando os editores apostam, os autores aparecem. Por exemplo, em Portugal houve uma aposta forte a certa altura no Bernardo Carvalho e muita gente começou a lê-lo. A Adriana Lisboa, com a política editorial em torno do prêmio Saramago, que conhece a Adria-

na, ajudou-a. Ela passou a ser de alguma forma conhecida. O que se percebe depois é que não há um prosseguimento. Essa dificuldade não é propriamente dos autores brasileiros – tem a ver com os autores, pura e simplesmente. Porque nós próprios, em Portugal, sentimos essa dificuldade. De há uns anos a esta parte, a aposta é feita em livros de literatura *light*. Por toda a parte, são fenômenos de massificação, e *best sellers made in USA*. Quer dizer, isso é um fenômeno que vocês estão a viver, e nós estamos a viver. Eu vou às livrarias aqui e vejo, sobretudo nas não especializadas. São os mesmos títulos. Isto é, nós nos tornamos de facto colonizados pela cultura anglo-saxônica.

Fernando Pessoa só foi conhecido quando passou pelo crivo da França, quando ela o promoveu. E agora Clarice vai ser muito importante porque está a ser promovida nos Estados Unidos. Isto é, nós antes de sairmos dos nossos territórios, temos de ser batizados pela língua inglesa. É um problema do nosso tempo.



Vejo no Brasil muita gente que diz que não tem que fazer o mínimo esforço pra se aproximar do pequeno país europeu. E vejo em Portugal um medo do neocolonialismo ao contrário.

Eu não digo que é uma catástrofe, mas é um problema que tem de ser contornado. Nós produzimos na diversidade, mas a escolha é feita com o olhar único, compreendem? Isso rouba-nos o amor próprio, a autoestima das literaturas por si próprias, e, portanto, rouba a autoestima dos povos. Isso está a acontecer. Portanto, quando eu digo que a literatura brasileira padece desse problema, eu digo que padece tal como a literatura francesa, italiana ou a de língua espanhola.

A IDEIA DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO VEM NESTA LINHA DE TENTAR MANTER UMA INTEGRAÇÃO. MAS A SENHORA ACREDITA QUE ISSO É EFETIVO?

Eu vou dizê-los que o acordo ortográfico é uma medida muito pequenina. Sozinho não é nada. Se for sozinho, foi um esforço que se fez a uma geração para nada. O acordo ortográfico foi pensado para ter uma sequência de ações subsequentes que viessem a aproximar de fato os países, num projeto cultural, não num projeto linguístico. Linguístico só, não é nada.

Ainda por cima na estrita linha daquilo que é a ortografia. A ortografia são risquinhos, a língua é um corpo muitíssimo maior do que isso, não é? E a cultura é uma coisa muitíssimo mais vasta do que isso.

Agora, essa mudança é sobretudo um projeto político, que apareceu há 21 anos, e a ideia foi depois que Portugal perdeu as últimas colônias. Portugal disse aos outros países: “Nós não queremos mais manter a ideia antiga de que somos donos da língua”. E houve uma proposta para que a língua portuguesa

da Europa fosse submetida a um mínimo de regras comuns. Isso demorou 30 anos, mesmo assim está sendo muito difícil começá-lo.

Mas, infelizmente, o acordo, que foi feito também para simplificar e aproximar, deixou algumas incongruências que são muito vistosas, que são muito ridículas até, como é o caso do “para/para”. Mas ao todo serão aí 20, 30 ofensas graves. Tirando isso, nós iríamos mantendo toda a diversidade, mas unindo onde é possível, era um símbolo.

Isso permitiria uma coisa muito importante, que era, por exemplo, as bases de dados eletrônicas aproximarem-se mais, porque nós estamos em falência, o português está em falência, em face do espanhol e em face do inglês. As bases de dados com a ortografia aproximada ajudam-nos a aproximarmos, mas era um trabalho pra ser feito em conjunto.

E eu devo dizê-los que tenho pena em perceber que por causa do acordo ortográfico alguns fantasmas brasileiros e portugueses vêm à tona. Vejo no Brasil muita gente que diz que não tem nada que fazer o mínimo esforço pra se aproximar do pigmeu, do pequeno país europeu, o que é uma pena. E vejo em Portugal haver um medo do neocolonialismo, agora ao contrário, que a mim me parece surpreendente – pessoas que dizem “a mim ninguém me faz falar como aos brasileiros”, “isso foi uma cedência total ao Brasil”. E choca-me que pessoas portuguesas, digamos, tenham racismo linguístico.

É POR ISSO QUE PASSA ESSA FALÊNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA DE QUE A SENHORA FALOU, OU É UM PROCESSO MAIS COMPLEXO?

Este é um processo mais complexo. Quer dizer, este é um processo. Repare: nós, neste momento, estamos a disputar os mesmos territórios linguísticos dos franceses, somos tantas as pessoas da língua francesa quanto as da língua portuguesa. A vantagem da lusofonia é que a população que fala português tá crescendo. Já a francofonia tem instrumentos de coesão da língua que nós não temos: enciclopédias, toda a literatura, as escolas, a Aliança Francesa. Todo o suporte cultural deles está organizado, e o nosso está todo ou quase todo por organizar.

Não ponho isto em termo de guerras, de quem é mais, ou menos. Ponho em termos de eficácia e de felicidade das pessoas mais jovens. Quer dizer, pensando no futuro, pensando que é bom que as pessoas se orgulhem da sua língua, que ela seja uma língua de trabalho, que as pessoas na Inglaterra estejam a estudar português, estejam a abrir escolas no Reino Unido com ensino de português para que as pessoas venham trabalhar para Portugal, para a África e para o Brasil.

E isto dá-me uma alegria, sabermos que nós podemos proporcionar um espaço linguístico onde haverá trabalho para as pessoas, onde haverá novas residências no futuro. E, no meio disso, o acordo ortográfico é nada, é apenas um símbolo, é como um aperto de mão para dizer “ok, a partir de agora nós vamos trabalhar”.

A SENHORA ACHA QUE ESSA SOBREVIVÊNCIA LINGUÍSTICA TAMBÉM TEM RELAÇÃO COM O SUCESSO ECONÔMICO DOS PAÍSES?

Claro que tem. Quer dizer, o antigo grego morreu, exatamente pela ação militar e pela ação econômica. O latim expande-se pela ação militar e pela ação econômica. Mesmo o espanhol, não é? O inglês não é um sucesso da economia? É. E o português também será um sucesso da economia. Portanto, eu acho que é cego quem não quer ver que isso é uma coisa que se tem de fazer em conjunto, onde a literatura tem um espaço muito importante. Porque uma língua que não se orgulha dos criadores da língua, é uma língua em falência também.

Depois de Saramago ter sido prêmio Nobel, os portugueses que não ligavam à leitura passaram a dizer: “Vou procurar que o meu filho agora leia”. Houve uma espécie de revolução naquele país, de crença de que a literatura fazia bem.



A SENHORA FALOU DO SARAMAGO, QUE ACHO QUE É O GRANDE NOME DA LITERATURA PORTUGUESA RECENTE, PELO MENOS AQUI NO BRASIL. A MORTE DO SARAMAGO INFLUENCIOU OS RUMOS DA LITERATURA PORTUGUESA?

Influenciou muito, sabe. De uma forma muito interessante. Há alguns autores muito jovens que imitam Saramago. Porque é assim que se começa: escolhendo um autor de que se gosta e escrevendo um pouco como ele, não é? A Virginia Woolf, aos 40 e tal anos, dizia “se leio Sterne, escrevo doutro”. E há autores, naturalmente, que imitam Saramago. Agora, o que se passa é que eu acho que a importância enorme que o Saramago teve, e que in-

fluenciou muito, é uma espécie de orgulho que os portugueses passaram a ter pela literatura. Porque até aí tinha havido Camões, depois Pessoa, mas nenhum deles interpretava, digamos, o sentido popular. Ora, o que acontece é que Saramago é o exemplo de alguém que vem de classes muito desfavorecidas e sobe, que vem de analfabetos e faz um salto para um homem culto. Portanto, foi esse exemplo que ele até o fim da vida sempre mostrou, inclusive quando recebeu o prêmio Nobel. Mas não só isso como o fato de a partir dele ter sido prêmio Nobel, os portugueses que não ligavam à leitura passaram a dizer: “Vou procurar que o meu filho agora leia”. Houve uma espécie de revolução naquele país, de crença de que a literatura fazia bem.

EU QUERIA VOLTAR UM POUCO PRA ESSA QUESTÃO DA ECONOMIA QUE A GENTE COMENTOU ANTES. COMO A SENHORA ACHA QUE A CRISE FINANCEIRA QUE ATINGIU A EUROPA AFETOU O MERCADO E O CENÁRIO CULTURAL DO CONTINENTE? FICA MAIS DIFÍCIL SURTIR NOVOS NOMES?

Até agora ainda não se sentiu dificuldade de fazer novos nomes surgirem, porque há um auxílio muito grande hoje em dia que é a ferramenta da internet. Onde se sente muito mais é na publicação dos autores canônicos, dos clássicos, dos que tem propostas mais específicas literárias. Então aí sim, porque os equipamentos de cultura estão despojados, não só em Portugal, por toda a Europa. Enquanto aqui começa um investimento nas feiras do livro, nas bibliotecas, nas redes de leitura, nós que já tínhamos feito esse investimento, estamos num estado de retração. Portanto, a economia pode de fato vir

a criar um problema de retrocesso em relação àquilo que se tinha ganhado.

E em Portugal – de uma maneira diferente daquilo que acontece em Espanha, França ou Alemanha, onde a população leitora está enraizada há gerações e gerações –, o leitor é duma geração muito recente, e agora encontra a grande rivalidade dos média em relação à leitura, que rouba imenso.

Os jornais dão muito menos espaço à crítica, as revistas de literatura fecham, muitas livrarias fecharam portas, e os programas de previsão de incremento à leitura ficaram barrados, diminuíram ou quase se extinguíram.

É uma machadada muito forte, e nós estamos muito apreensivos de facto com isto. Por que no meio disso o que é que se vende? As *[Cinquenta] Sombras de Grey* [no Brasil, *Cinquenta Tons de Cinza*]. Revistas cor-de-rosa, quer dizer, a leitura passa a voltar outra vez aos índices de, digamos, certa negatividade.

A SENHORA VIVEU EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE NOS ÚLTIMOS ANOS DO COLONIALISMO PORTUGUÊS E JÁ ESCREVEU DIRETAMENTE SOBRE ESSE PERÍODO EM A COSTA DOS MURMÚRIOS. MAS, MESMO QUANDO NÃO FALA SOBRE ESSE ASSUNTO, COMO O FATO DE TER TESTEMUNHADO ESSA SITUAÇÃO AFETOU SUA ESCRITA?

Foi determinante na minha escrita. Porque eu tive vivências, e as minhas vivências adultas foram feitas nesse domínio. Eu tinha 20 e poucos anos e o fato de ter visto tanta gente a perder membros, morrer, famílias desfeitas, e perceber que a história indicava outro rumo, esse paradoxo foi tão forte, que tem influenciado tudo o que eu tenho escrito.

Por exemplo, eu não sou uma pessoa capaz de escrever meramente do ponto de vista psicológico, eu preciso da história.

Mesmo quando eu começo a pensar que vou só escrever uma história ontológica, uma história do ser, das plantas, dos animais, a relação com o além, com o cosmos, sempre me perpassa outra coisa que é a praça pública, onde se deixam coisas e lá é o sítio onde as pessoas podem decidir o bem e o mal da coletividade.

Então, isso pra mim foi uma experiência absolutamente importante, e para a minha vida mesmo, porque me ensinou a ver o preconceito que umas culturas têm contra as outras, e o preconceito em todos os níveis: o preconceito face ao diferente, face àquilo que vem de fora, face àquilo que tem outra religião, face àquilo que tem outra educação. Foi muito importante, humanizou-me, se é que assim posso dizer. Tornou-me uma pessoa com mais capacidade de ler sentimentos, de ler projetos, de ler desejos, desejos pessoais e coletivos.

SOBRE ESSA QUESTÃO DO PRECONCEITO AINDA, EM MUITOS CAMPOS A GENTE VÊ QUE AS MULHERES TÊM DIFICULDADE DE ACESSO. COMO A SENHORA ENXERGA ISSO DENTRO DA LITERATURA?

É bem complexo. Acho que hoje em dia os homens e as mulheres têm o mesmo acesso à publicação, têm o mesmo acesso ao espaço, acho que temos o mesmo acesso à voz. Simplesmente quando a literatura começa a ser poder, estamos ainda muito distanciados. Quer dizer, as mulheres aparecem ainda subalternizadas. Mas eu acho que é uma questão de tempo, a cada ano que passa nos tratamos todos num plano de muito mais igualdade. Acho que há barreiras que estão a ser quebradas.

Infelizmente, há uma coisa que eu devo dizer e que é contra o lado das mulheres, é que, no projeto da escrita frívola, as mulheres fazem-se muito a jeito, e dão rosto e mão àquilo que de pior a literatura nos tem. As *[Cinquenta] Sombras de Grey* são escritas por uma mulher. Quer dizer, é alguma coisa que me parece estranha que se aconteça. Por que aqui as mulheres tão facilmente são seduzidas para escrever sobre aquilo que é o fútil, não é? E espanta-me muito isso, não sei, não quero imaginar que seja uma coisa biológica, porque biologicamente tudo diria para que as mulheres não o fizessem. Nossa biologia, se formos superficiais, se olharmos só a parte biológica, carnal, diríamos que as mulheres deveriam ter, por sua própria configuração, mais pudor. Mas é exatamente o contrário, não é? Como se houvesse uma espécie de tentativa da criação de um espaço de frivolidade absoluta. Isso é uma coisa que me espanta, que as mulheres digam “ah, vou contar tudo que aconteceu entre os meus lençóis”.

Isso é o lado que eu acho mais surpreendente e negativo, mas são as próprias mulheres que o fazem, portanto isso vai se resolver. Agora, sobretudo o que eu acho é que é um processo histórico. As mulheres aprenderam a ler e a escrever a sua vida há muito pouco tempo. Tem um século de experiência, só. Portanto, não dividir homens prum lado e mulheres pro outro ainda vai demorar algum tempo, mas eu vejo isso de certa forma pacífica. Não entro, digamos, no conflito. Entro no conflito feminista no plano social, não entro no conflito feminista no plano literário.

Vejo que há diferenças, mas prefiro viver essas diferenças de forma estoica a falar delas demais, em voz alta, porque acho que é um caminho que nós temos de fazer primeiro conosco próprias. Acho que nós temos de combater no plano social, sobretudo. E aqui sendo pessoas honestas na escrita, fazendo aquilo que um escritor quer seja homem quer seja mulher deve fazer, que é entregar-se em absoluto àquilo que é a sua arte, ser verdadeiro e manter a sua inocência intocável. Pra mim isso é o que é importante, não se negoceia. Obrigada. 🏰



TEMPO

// POEMA

LISIANE ANDRIOLLI | DANIELI

// FOTO

NÁDIA ALÍBIO

O ônibus atrasa
ou adiantei a saída
Atrasei o certo
adiantei o errado

Todos correm
pra algum ou alguém
Coletivo passa
solidão passa em carro

Carro é o tempo
e corre
Sempre atrasado para
algum momento.



HASTA LA FELICIDAD

A CANTORA E COMPOSITORA ALEMÃ JULAKIM TROUXE A PORTO ALEGRE OS SONS POR UM MUNDO MAIS SUSTENTÁVEL.

// ENTREVISTA E FOTOS
NÁDIA ALIBIO

julakim é uma cantora e compositora alemã. Ela passou pela segunda vez em Porto Alegre em fevereiro de 2015 em sua turnê ao Brasil. Andarilha e sorridente, espalha suas letras que criticam o sistema capitalista e propõem uma vida simples. julakim hoje divide sua carreira de arquiteta com a música. Seu álbum de lançamento “*tufi*” traz canções autorais, com músicas compostas em alemão, português, inglês e espanhol. Por onde passa, gosta de entender como falam e se articulam as pessoas, compreender e aprender com os outros.

JULAKIM POR SI

Como pessoa, me defino como alguém que está querendo fazer coisas no espaço, provocar para que as pessoas que atravessam o espaço fiquem mais livres, mais autênticas, que entendam o mundo de forma mais horizontal. Normalmente o espaço tem lugar para todo mundo, mas há pessoas que tomam mais espaço para demonstrar seu poder. Alguém que desfruta de fazer muitas coisas, mas igual a muitas outras pessoas. Provocar o conhecimento de si mesmo. Numa cultura, onde estamos fazendo tudo o que nos dizem para fazer, quem somos nós?

À DERIVA

Eu levo meu laptop para todos os lugares, turnês. Eu trabalho como arquiteta na Alemanha. Aqui no Brasil estou com um projeto colaborativo de uma casa orgânica em Ibiraguera, em Santa Catarina. Eu vou juntando as coisas, faço trabalhos de Design, tem a música, as performances, os vídeos que estou fazendo. Então eu vou juntando tudo e com os meios de comunicação fica mais fácil de aproximar as distâncias.

BRASIL

Eu vim para o Brasil pela primeira vez para fazer um trabalho no Rio de Janeiro sobre urbanismo, sobre a relação da favela e da música, em 2005. No fim, eu escrevi um livro. Selecionei músicas das comunidades dos últimos 100 anos, demonstrando como eles fazem urbanismo com isso, como foi o processo de mudança das músicas relacionado com a mudança da favela. Depois, voltei em 2007, porque a minha ideia era fazer um centro de produção para as rádios comunitárias do Rio de Janeiro. Depois disso, acabei voltando a trabalhar num escritório de arquitetura, eu estava precisando de grana. Voltei pra Alemanha, dei aulas na Universidade, abri meu escritório. De repente, em novembro do ano passado, um grande projeto de arquitetura foi adiado, então eu dei uma pausa na minha vida. Decidi viajar para o Brasil, comprei as passagens, foi tudo tranquilo. Um mês antes, um brasileiro que mora na França viu um vídeo meu no *Facebook*, me perguntou se eu tinha escrito a música e perguntou se podia me produzir.

Eu falei que sim! Na próxima semana, ele veio para a Alemanha e já começamos a trabalhar duas músicas. Quando ele foi embora, eu pensei “pô, isso foi muito sério! Por que eu não faço uma turnê no Brasil?” Então, arrumei meu violão e fiz minha primeira turnê de “Itufi”, de três meses e meio. Depois fui para a Argentina, porque tinha uma jornalista no show do Rio de Janeiro que gostou tanto que me convidou para cantar numa rádio de Buenos Aires. Depois fui para La Plata, Rosário. Foi tudo muito orgânico, fluido e não planejado. Foi incrível. E quando voltei para a Alemanha, quis continuar com isso. Então produzimos o disco. Toquei na França, Itália, Espanha, Áustria e Alemanha – e foi dando tudo certo. Agora estou de volta ao Brasil com meu disco. Toquei em São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Tenho amigos aqui em Porto Alegre que me convidaram, e eu tinha curiosidade porque não conhecia o sul.



ITUFI é o álbum de lançamento de julakim. A palavra é formada pelas letras iniciais do verso “i think you’re faking it” (eu acho que você está fingindo), parte da música que nomeia o álbum. Tu podes ouvir algumas canções na página do *soundcloud* da artista: (<https://soundcloud.com/julakim>). A turnê de lançamento de *Itufi* trouxe uma parceria entre julakim e a Humanus, uma marca colaborativa que mescla o universo das artes, filosofia e moda (universohumanus.com).



A ideia de sermos mais livres, de fazer os passos na nossa direção em vez de seguir o fluxo padronizado é o que venho aprendendo ao conhecer outras cidades, pessoas e culturas.

UMA TURNÊ GIGANTE

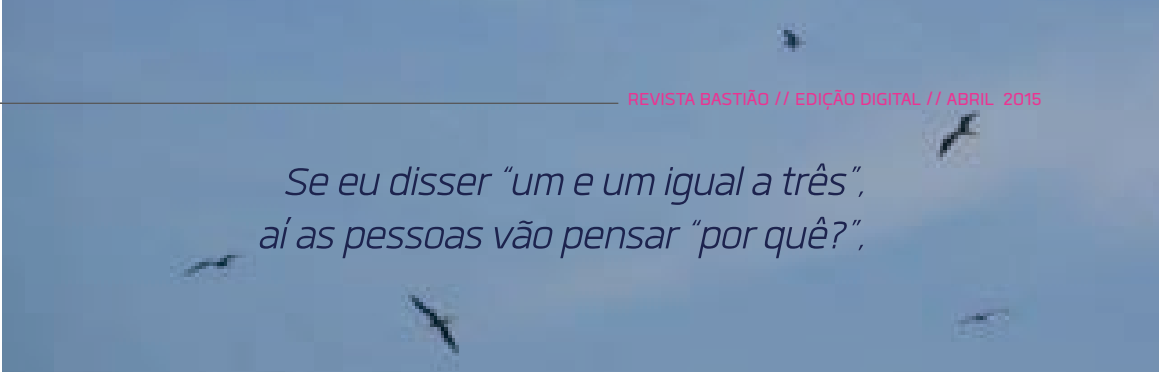
Em 2013, na minha primeira turnê, eu não tinha nada. Eu queria fazer algo especial. Eu queria levar minha turnê Itufi para Itu, em São Paulo, porque em Itu tudo fica grande, então a primeira turnê de *Itufi* já nasceu grande.

ORIGENS

Eu tocava em casa, fazia cover, tinha poucas músicas minhas. Eu escrevi todas as 18 músicas de *Itufi* no ano passado. Canto em português, inglês, alemão, francês e espanhol. Normalmente, nos meus shows, eu vou contando a história da música porque sempre é em outro idioma,

então vou traduzindo do que falam as músicas, porque é importante ter uma mensagem por trás. Tem uma frase do Che Guevara “hasta la victoria siempre”, “até a vitória sempre”, quando tem vitória, alguém está perdendo – e aí já temos de novo hierarquia. Eu gosto de pensar não em vitória, mas

em felicidade: “Até a felicidade sempre”. Procurar a própria felicidade, sem perturbar o outro, não precisamos de muito mais. Dividir, pensar, isso estou fazendo nos meus shows, provocando o pensamento. Me falam que estou sempre sorrindo, mas é isso, demonstrar que sim, podemos ser felizes.



*Se eu disser “um e um igual a três”,
aí as pessoas vão pensar “por quê?”.*

OUTROS POSSÍVEIS

Isso alimenta bastante. Tem isso de conviver com outras culturas, é uma coisa que me faz muito bem, que me faz entender outras perspectivas. Nós temos esse acontecimento da cultura. As visões de masculino e feminino são muito fortes, por exemplo, e em determinada cultura essas relações são mais flexíveis. Quando entendemos que pode haver flexibilidade no que é da nossa cultura, podemos modelar isso. Muitas pessoas ficam presas. A ideia de sermos mais livres, de fazer os passos na nossa direção em vez de seguir o fluxo padronizado é o que venho aprendendo ao conhecer outras cidades, pessoas e culturas.

LOST IN TRANSLATION

Quando estou num país, logo já estou pensando nesse idioma. Então, quando tenho uma ideia de alguma música, vai ser nesse idioma. As letras saem como saem, geralmente preciso dar poucos retoques, alguma coisa de gramática, ou palavras.

Eu vejo o idioma mais livre. Mesmo o alemão, gramaticalmente não é sempre certo. São algumas palavras que nem existem, mas que, no contexto, nos fazem pensar. Eu não quero fazer definições, minhas letras não são definições. São pulsos, toques para as pessoas se permitirem sair do sistema, do padrão, para encontrarem a si mesmas, isso começa quando você tem que pensar. Se eu digo que “um e um são dois”,

todo mundo diz “sim, óbvio, claro”. Mas se eu disser “um e um igual a três”, aí as pessoas vão pensar “por quê?”, pensar em alguma solução, achar ruim, pensar em alternativas. Um e um pode ser outra coisa que não dois. Criar esse pensamento no outro, sem indicar uma direção a seguir, é muito bacana. Pra mim, minha música abre horizontes em vez de dizer que as coisas são assim ou assim. Provocar esse pensamento não é fácil, mas pela música acredito que seja um processo mais simples. Primeiro escutam o som da música, vão no show, num segundo momento irão prestar mais atenção na letra e encontrar “algo errado”, se questionar e criar suas próprias histórias. Às vezes algumas pessoas vêm me dar um

retorno de algo que pensaram a partir das minhas músicas, isso é muito bacana. Quando volto nos lugares e reencontro as pessoas, elas me dizem “eu agora estou entendendo essa música de outra maneira”, as músicas vão acompanhando as pessoas, e isso é muito interessante. Sempre agradeço muito quando alguém vem contar como interpretou minha música.

Sinto uma necessidade de expressar, com vídeos, músicas, ou o que for. A cada passo percebo que estou cada vez mais no meu caminho. Ao olhar pra frente, não entendo muito da minha vida, mas quando viro para trás e olho meu passado, vejo que tudo se encaixa e que sigo em meu trajeto, com colaborações, aprendizados e movimento. 



bastiao.net